

História Oral de Traficante: o outro Nome de Abimeleque

Maria Aparecida Corrêa Custódio

Mestre em Ciências da Religião UMESP

Partimos do pressuposto de que história oral é um instrumental valioso para pesquisa empírica e para construção de um aprendizado pedagógico junto às classes populares. Por meio da história oral apreendemos, por exemplo, a vivência e a visão de mundo de segmentos desconhecidos e inéditos como é o caso do relato de experiência de um traficante de Heliópolis, a maior área popular (favela) da cidade de São Paulo.¹

No contexto de nossa pesquisa, utilizamos a modalidade de história oral temática por considerá-la um recurso relevante para estudos referentes à vida social de pessoas dispostas a falar sobre aspectos de sua vida, os quais podem ser relacionados com o contexto social mais amplo e com temas específicos de interesse do pesquisador. Para tanto, coletamos a narrativa do conjunto da experiência de vida do entrevistado, combinando sua história oral de vida com discussão temática da história de Sara e Abraão, contida no texto do livro de Gênesis (capítulo 20) da bíblia hebraica.²

Chegamos até essa pessoa por ocasião de um despejo de moradores ocorrido em 2001. Na época, através de nosso trabalho sócio-pedagógico, era comum encontrar essas lideranças no dia a dia da favela, especialmente em momentos de tragédia do povo (despejo, mortes, incêndios) e de assembléias de moradores. Com a convivência cotidiana construímos vínculo, o que facilitou a realização da entrevista. Aliás, a entrevista foi realizada na própria residência do entrevistado num clima de sinceridade, respeito e confiança.

É necessário dizer também que percorremos literalmente a maioria dos passos metodológicos da história oral. Elaboramos o projeto focando o tema das relações sociais de gênero a partir da história bíblica de Sara e Abraão. Definimos a pessoa a ser entrevistada e planejamos a condução da entrevista, previamente preparada. A pessoa escolhida teve conhecimento prévio da temática a ser abordada, inclusive leu e refletiu a história bíblica. De posse da gravação, transcrevemos minuciosamente a entrevista, corrigindo apenas alguns aspectos gramaticais. Conferimos o depoimento com o entrevistado e solicitamos verbalmente autorização para o seu uso. Acolhemos o pedido para utilizar um nome fictício e omitir o endereço do entrevistado, bem como de suas parceiras.

¹ A história oral é um instrumento capaz de colocar novos elementos para a leitura da sociedade e para o entendimento de aspectos subjetivos de casos que são, às vezes, racionalizados, objetivados e neutralizados. Mais informações ver: José Carlos Sebe Bem Meihy, *Manual de História Oral*, Edições Loyola, São Paulo, 1996, 78p.

² A intenção era de ilustrar a exegese de Gênesis 20, de nossa dissertação de mestrado, com exemplos do cotidiano em Heliópolis, o que resultou em um texto anexo ao trabalho.

Contudo, por medida de segurança pessoal, procedemos de forma diferente na parte terminal da pesquisa. No que toca ao arquivamento, um dia depois da entrevista entregamos as fitas gravadas para o entrevistado. Também não apresentamos a versão final do texto para ele. Em relação à publicação dos resultados, deveriam prioritariamente voltar à pessoa que gerou a entrevista. Todavia, não socializamos os resultados e nem a breve análise.

É interessante mencionar que vivenciamos, segundo a metodologia de história oral, o princípio da flexibilização do que entra ou sai da entrevista. Ao longo da narrativa, por exemplo, o entrevistado pediu cortes (interrupção da gravação) de algumas falas, especialmente dos relatos de mortes.

Para este breve ensaio, apresentamos o tema gerador da pesquisa, nossos comentários, mesclados com as palavras e pensamentos do entrevistado, e algumas considerações finais. Transcrevemos as falas do entrevistado sem alterar a conjugação verbal, o que dá impressão de que ele falou recentemente. Porém, a entrevista foi concedida em maio de 2001.

Tema gerador

Nossa suspeita inicial era de que o entrevistado se identificaria com um dos personagens protagonistas da história de Sara e Abraão, notadamente o monarca conquistador de mulheres, o que se confirmou ao longo da narrativa. Pois bem, vejamos primeiro a narrativa antiga.

O capítulo 20 do livro de Gênesis situa o episódio em Gerar, uma espécie de vila localizada perto da antiga cidade de Gaza, mais precisamente entre o Egito e a Palestina. Neste lugar, um casal de seminômades – Sara e Abraão - teve que se apresentar ao rei local como irmãos e não como marido e mulher. Por isso, Abraão suplicou à sua mulher que falasse a todos que ele era seu irmão. De acordo com nossa tradução livre, do texto original escrito em hebraico, Abraão teria dito:

“e disse para ela:

esta a tua solidariedade que fará comigo” (verso 13).

Sara respondeu prontamente à súplica do marido e, ineditamente, falou dois versos nessa narrativa, fato incomum em texto como este, proveniente da cultura patriarcal. O diálogo traz à tona a beleza de seu companheirismo e cumplicidade, pois somente uma mulher solidária é capaz de enxergar no seu amor (no seu homem) também um amigo e irmão de jornada e de vida cotidiana.

Vejamos a palavra solidária dessa mulher:

“e ela em especial ela disse

o meu irmão é ele” (verso 5).

“o meu irmão é ele” (verso 13).

Na verdade, Abraão temia que o rei Abimeleque o matasse para tomar sua esposa, pois esta era uma prática comum dos monarcas antigos. O rei acabou tomando Sara, todavia não fez nenhum mal a Abraão, uma vez que pensou que eles eram irmãos.

Mas Deus apareceu no sonho de Abimeleque e posicionou-se em defesa de Sara. Deus advertiu o rei que sua atitude poderia causar-lhe a própria morte e a esterilidade das

mulheres de seu palácio, caso ele não devolvesse Sara para seu marido. Justificando-se, o rei disse que não sabia que Sara e Abraão eram casados, pois se apresentaram como irmãos. Contudo, Deus continuou incisivo e mandou Abimeleque devolver a mulher.

Na manhã seguinte, o rei chamou todos os seus ministros e contou-lhes as palavras ouvidas no sonho. Depois chamou Abraão e se confrontou com ele, questionando-o por causa dessa invenção. E Abraão se defendeu dizendo que o casal inventou este tipo de parentesco porque temia maus tratos. O argumento de Abraão, contido nos versos 11 e 12, apresenta uma estrutura muito próxima de um raciocínio lógico, o que pode ser visto através de uma tradução literal do texto original.

Se... certamente não há o temor de Elohim (Deus) neste lugar

Então... me matarão por causa da minha mulher

Premissa 1 na verdade ela é a minha irmã

P2 ela é a filha do meu pai

P3 mas não é a filha da minha mãe

Logo tornou-se para mim mulher.

Por fim, Abimeleque reparou o mal cometido e desculpou-se dirigindo a palavra a Sara. A cena é mais uma peculiaridade da história, pois nessa época os homens não costumavam dar satisfação às mulheres e nem reconhecê-las publicamente.

Depois devolveu Sara e indenizou sua família com bens. Além de conceder terra para habitar, ovelhas, bois, servos, Abimeleque deu mil pratas para Abraão. Ainda no âmbito das novidades literárias da história, temos um rei generoso. O monarca agiu além daquilo que previa a legislação israelita. Em caso de violação de uma virgem, o pagamento exigido era de um dote de cinquenta ciclos de prata ao pai da jovem. Em nossa história, Abimeleque não violou Sara, mas deu mil ciclos de prata para Abraão.

Terminando o episódio, Abraão rezou e intercedeu por Abimeleque, pois era considerado um profeta. E Deus curou a esterilidade das mulheres do reinado, tornando-as férteis. O texto original relata:

“E intercedeu Abraão a Elohim (Deus)

e curou Elohim a Abimeleque

e a mulher dele e as servas dele

e deram à luz” (verso 17).

“Eis que

fechar

fechara Javé (Deus) o útero da casa de Abimeleque

por causa da questão de Sara a mulher de Abraão” (verso18).

Versão de Antonio

Como já acenamos, Antônio (nome fictício) era uma liderança forte do grupo da marginalidade de um dos núcleos da favela Heliópolis. Na época, aos 43 anos de idade,

ele dizia que estava em processo de transição pessoal, tentando sair da vida do crime como ele mesmo denominou.

Quando retomamos a história de Sara e Abraão, no início da entrevista, perguntamos com qual personagem Antônio se identificava. Ele respondeu prontamente: “desde o primeiro dia que a senhora me mandou ler a Bíblia, eu me propus esta história. Sou parecido com Abimeleque”.

Em suas colocações, Antônio parecia carregar o peso da culpa em sua consciência e a imagem de um Deus castigador, ao contrário do rei Abimeleque, o qual ele se identificou ao ler a história. Colocamos na íntegra suas palavras: “muitos acham que você tem que pagar o seu pecado depois da morte, mas eu acho que o preço dele é pago em vida. E a coisa mais doída e a verdade mais verdadeira é aquilo que a gente sente dentro e não aquilo que alguém põe na mente da gente. Quando eu penso: errei, não fui justo, pelo resto da vida vou compreendendo, porém, só aos poucos a gente tenta sair daquele mundo. Aos poucos a gente tem que deixar aquilo”.

Inicialmente, chamou-nos atenção o fato de Antônio interpelar sua vida a partir da história de Gênesis. Aliás, ele captou o aspecto central da narrativa e a confrontou com a sua experiência de vida. Ele disse: “o que eu compreendi dessa história é que eles partiram e pararam em um lugar de fronteira, como se fosse entre Embu e Itapecerica da Serra. Nesse local, se o marido falasse que aquela mulher que o acompanhava era sua esposa, morreria. Então o que ele fez? Combinou com ela para que fosse sua irmã naquele lugar. Mas na realidade não era”.

Sobre Abimeleque, ele opinou: “como rei, achava que era um inocente e, por isso, Deus não deveria tirar-lhe a vida e nem daqueles que estavam com ele. Quem estaria condenado à morte não eram só os servos dele, mas todas as pessoas de seu reino e as suas riquezas também. A partir daquele momento eu acho que ele estaria acabado. Ficaria sendo uma pessoa derrotada”.

Antônio entendeu que Abimeleque havia cometido um erro e pagado o preço com a esterilidade de suas mulheres. Comentou: “por ele se julgar um rei e dono de todo aquele reino, do ouro, da prata, das riquezas, achou que teria o direito de fazer aquilo com Sara. Mas não sabia que era um grande pecador e que Abraão era um servo de Deus. (...) ele confiou na oração de Abraão e suas mulheres foram libertadas. Depois da oração de Abraão, Deus libertou aquelas mulheres estéreis para que todas tivessem seu próprio filho”.

Em relação ao laço de parentesco de Abraão e Sara, Antônio compreendeu que “ela seria irmã dele por parte de pai. Qual era o pai? Seria Deus e não um pai carnal. Por isso, Sara podia ser sua mulher”.

Peripécias com mulheres

Aplicando a história de Sara e Abraão à própria vida, Antônio contou sua experiência de relação com mulheres, à moda do rei Abimeleque. Naquele momento (ano 2001), ele tinha vinte e cinco filhos espalhados e criava somente nove. Estava convivendo com Lia há cerca de cinco anos, mas namorava simultaneamente a irmã dela e mais uma companheira das imediações de sua casa.

Antônio sempre possuiu uma grande quantidade de mulheres, geralmente ligadas entre si por vínculo de parentesco, amizade ou vizinhança, dentro do mesmo círculo social

de convivência. Para ele, era usual namorar mulheres da mesma teia familiar ou social. Ou seja, ao mesmo tempo, Antonio namorava a mãe e/ou as filhas, e/ou as primas, e/ou as tias e/ou as vizinhas. Ele expressou que em todos os lugares onde passou repetiu o procedimento, mudando somente as personagens.

Eis a fala de Antônio: “As mulheres que eu já tive, igual a mãe dessa (e aponta para a filha mais velha) foi minha terceira mulher. Primeiro namorei com a avó da minha filha, depois ela me apresentou a filha. Depois que a avó me apresentou a filha, eu deixei a avó e fiquei com a filha que na época tinha 12 anos. Depois eu tentei xavecar a irmã dela, tia da minha filha, mas ela não me deu oportunidade. (...) É sempre quase uma história parecida. Depois eu tive a Maria e eu namorava com ela, com a irmã e com a mãe dela. Depois arrumei a Joana e também sua filha, mas jamais posso soltar... Depois eu tive a Cleusa e eu namorava com ela, com a irmã e com a mãe. Depois dela, eu tive 5 mulheres numa casa... chegou ao ponto que cada uma foi indo embora. Ai arrumei a Madalena que era uma velha. Eu estava interessado em dinheiro. Ela chegou pra mim e me enganou. Eu pensava que era sabido e ela terminou me enganando. Nessa época eu tinha dois filhos e tinha as mulheres e aproveitava o embalo para que essas mulheres cuidassem dos meus filhos. Então já que Joana tem dinheiro, nessa época eu não tinha nada na vida, ainda eu aproveitei o embalo para pegar essa mulher que tem dinheiro. Só que um belo dia, ela sempre me bancava em tudo, me dava dinheiro, comecei a querer saber quanto ela tinha de dinheiro e até quanto eu poderia tomar dela. Eu fui ver, no fundo eu não tendo nada, tinha mais do que ela. Foi ai que deixei dela, depois de três meses ela teve um derrame e morreu. Depois dessa ai eu tive uma mulher chamada Rosa. Só que nessa época eu era meio doído e tomei essa mulher do marido que era vizinho da minha casa. Depois dessa época peguei meus dois filhos e vim pra favela. Não conhecia ninguém. Tinha 17 barracos. Sentava em cima de um barranco o dia todo com meus filhos no colo. Pediam eles mas eu dizia que não dava pra ninguém. Quando apertava a fome deles eu pedia para Célia deixar esquentar a mamadeira. Quando era noite tinha um sofá e eu pedia para ela deixar que eles dormissem lá... colocava eles cada um de um lado e sentava no chão já com a mamadeira feita e colocava a cabeça no sofá. Daí meu irmão comprou um barraco pra mim... daí mandei chamar essa Rosa que eu tinha tomado do vizinho, mas acabei mandando ela embora. Ai peguei a Lia, mas a própria irmã dela tem uma filha minha. Eu sempre julguei que tive chances. Nunca pensei no amanhã. Devido a alguns problemas enfrentados, a partir do momento que abandonei uma vida (ele refere-se ao trabalho na marginalidade), e que estou passando até hoje, penso que esse será o preço do pecado que fiz (refere-se a sua situação atual de pobreza e, às vezes, falta de alimentos). Quanto mais mulheres eu tinha, para mim era sempre melhor. Eu as usava e elas seriam um troféu, então eu tinha todas as mulheres. Nunca gostei de arrumar mulher muito feia porque achava que um homem de cor tinha que pegar ao menos uma belezinha, bem arrumadinha. Eu saía com ela na rua e colocava os braços no pescoço dela. Queria mostrar que aquela era um troféu. Quanto à mulher de casa, eu não saio com ela na rua. Eu prefiro que ela fique mais dentro de casa e não fique muito andando pra rua. Eu quero mostrar que esse troféu eu tenho fora, mas eu quero preservar a que eu tenho em casa”.

Como vimos, com exceção da mulher que cuidava de seus filhos e de sua casa, reconhecida por ele como titular, Antônio considerava as mulheres conquistadas como uma premiação, apenas troféus. Elas alimentavam sua auto-estima, pois ele se via como inferior por ser negro e feio. Almejava auto-afirmação na sociedade apresentando-se na companhia de mulheres bonitas.

Nesse aspecto, Antônio toca em uma das feridas que machuca os moradores de área de risco que se instalam à beira de córregos, em vielas anônimas, sem nome de rua reconhecido civilmente e com números saltados das casas. Viver nesse habitat lhes inculca uma baixa estima, pois são tidos pela sociedade paulistana como diferentes, no sentido de inferiores e maléficos, pois moram em favela. Carregam o estereótipo de que favelados são marginais. Duplamente mal vistos se, além de favelados, forem negros.

Para explicar melhor esse pensamento, mesmo sem muita ordem cronológica de ocorrência dos fatos, a cada momento da entrevista Antonio fornecia mais um detalhe de seus contatos com mulheres. Contou ele: “eu sempre tive as minhas mulheres fora e a titular dentro de casa. A minha mulher titular é a que eu tenho ciúme. As que eu tenho fora são apenas troféus.”

Antônio demonstrava lidar com esta apropriação de mulheres com muita naturalidade, convencido de que estava apenas exercendo seu direito de possuí-las. A análise que fez do comportamento de Abimeleque – de um rei que se julgava no direito de ter qualquer mulher porque era dono de muitos bens - podia ser aplicada à sua própria conduta.

A fase inicial das conquistas era marcada por um monólogo, pois as mulheres não tinham direito de questionar nada. Isto porque, na versão de Antonio, elas foram advertidas desde o início do relacionamento de que não haveria promessa de fidelidade e nem de exclusividade.

Vejamos sua fala: “a mulher que eu tenho dentro de casa quando vem viver comigo não vem enganada porque já conhece a minha pessoa. Sou sempre mulherengo e não prometo ser fiel a nenhuma mulher. Só que algumas vezes eu costumo respeitar a minha casa. Respeitar de que forma? Eu não pegar uma mulher de fora e trazer e pôr aqui dentro da minha casa... pode entrar na minha casa, trazer uma namorada pode acontecer, mas dentro da minha casa eu tenho respeito à minha mulher. E se tem alguma coisa comigo, é lá fora. Pode até ser uma amiga dela que conversa e troca idéia com ela, mas se eu puder fazer algo, com que ela não saiba, eu vou sempre guardar daquela forma que ela nunca saiba. No dia que saber e perguntar se isso é verdade, e se começar a me encher, eu já falo é verdade. Por que eu uso essa forma? Porque se eu sempre continuar falando que não é verdade, vai começar me encher, vai terminar ela saindo ou eu saindo de casa. Então, por isso, algumas vezes eu gosto da verdade. Sempre lembro o passado, por isso, pergunto: você me conheceu sozinho? Eu não tinha outras mulheres? Você não me aceitou dessa forma? Então por que hoje você quer cobrar algo de mim? Aceite-me, se você quiser, dessa forma e se algum dia Deus ajudar e eu achar que estou cansado, eu abandono essa vida”.

Pare se ter uma idéia de tamanha peripécia, retomamos a história de Antônio com as cinco mulheres reunidas em uma só casa, em Heliópolis, no qual cada uma tinha uma função definida e todas atendiam seu desejo sexual.

Antonio relatou como funcionava esse harém: “eu tive cinco mulheres numa casa. Cada dia uma mulher dormia comigo. Por exemplo, a que ia dormir comigo hoje só descansava, tomava banho e me aguardava. Nesse dia não fazia comida, não lavava louça e nem roupa, não arrumava a casa. Aquela que dormia comigo ficava livre. Todas elas se aceitavam. Por que elas se aceitavam? Porque eu falava: vou levar você, só que tenho outra mulher, mas ela não se envolve. Aqui tem de ser dessa forma. Depois chegou ao ponto que cada uma foi indo embora”.

A certa altura da entrevista, ousamos perguntar: “por que as mulheres ficavam com você? Por causa de dinheiro, de amor ou por medo”? Mas ele atribuiu a conquista dessas mulheres a fatores religiosos. Relatou que fez um pacto com o demônio e por causa dessa aliança jamais perdeu uma mulher e nem foi atingido pela morte.

Antônio narrou seus rituais: “quando eu desejava uma mulher eu tinha como trazê-la até mim. Ela vinha contra sua própria vontade. Se eu desejava uma mulher, fazia uma oração com o seu nome e com sete dias ela estava em meus braços. Ela nunca tinha força de me abandonar. Se saía de casa eu a puxava de volta. Por isso, antigamente todas as mulheres que eu tinha eram conquistadas a troco de feitiço, oração e ajuda do próprio demônio”.

A partir desse depoimento, inferimos: a releitura que Antônio fazia de sua vida era marcada pela religiosidade afro-indígena-brasileira, uma composição de candomblé com umbanda e catolicismo popular, conforme ele mesmo identificou sua prática religiosa. Com uma cosmovisão calcada em uma religião sincrética, em nenhum momento ele admitiu que seu poder financeiro e seu status social eram capazes de seduzir mulheres e amedrontar moradores de Heliópolis.

Geralmente eram seduzidas as mulheres que almejavam ter dinheiro e ser respeitadas porque eram companheiras do chefe do tráfico de drogas. Na realidade, frente à vida em sociedade, elas eram triplamente discriminadas por serem faveladas, negras e mulheres. Se algumas dessem a sorte de ter boa aparência, podiam elevar seu status social, pelo menos na favela. Por isso, provavelmente, se ligavam aos homens dos grupos marginais e se submetiam a uma convivência de poligamia masculina.

Todavia, a busca de segurança financeira e de status custava caro para tais mulheres, que passavam a ser vítimas de violência doméstica, conforme captamos da narrativa de Antonio. Ele contou algumas vivências, certamente ilustrativas de muitas situações parecidas. Na primeira narrativa, Antônio expôs que puniu a companheira por uma tentativa de traição. E puniu drasticamente, pois cortou o cabelo e as costeletas da mulher, feriu seu couro cabeludo, queimou suas roupas e a mandou embora de sua casa.

Atentemos para seu relato:

“Quando meu irmão comprou um barraco para mim na favela, mandei chamar a Rosa. Só que a irmã dela também era minha mulher. Ficava com ela no fim de semana. Quando Rosa soube da boca da própria irmã que ela estava grávida de um filho meu, quis fazer uma vingança comigo e me trair com meu amigo. Só que ele veio me contar. Eu gostava demais dela, amava essa mulher do meu jeito. Eu acostumo com as pessoas e fico com aquelas que me tratam bem e cuidam de meus filhos. Quando ela chegou em casa, deitei com ela. Fizemos amor como se não tivesse acontecido nada. Depois que acabou dei um murro na boca dela e a sua dentadura quebrou no meio. Ela virou e me disse: por que nós acabamos de deitar e você me deu um murro? Eu falei: você ficou sabendo que a sua irmã era minha mulher e que está esperando um filho meu. Você foi cantar o João e ele veio aqui me avisar. Rosa falou: o que você vai fazer? Eu acho que vou matar você. Aí tinha uma dona que ouviu a mulher gritar e veio me pedir: não mate essa mulher. Eu não vou matar, só vou cortar a orelha dela. A dona disse: pelo amor de Deus não corte a sua orelha. Peguei uma faca e cortei todo o cabelo dela que batia na cintura. A faca estava muito amolada e cortou muito o seu couro cabeludo. Depois eu raspei a sua cabeça como se ela fosse um homem. Rosa estava com as mãos nas costeletas. Perguntei: por que você está com as mãos assim? Ela respondeu: pelo menos ficaram as costeletas. Eu poderei

amarrar um pano na cabeça e todo mundo pensará que meu cabelo está preso. Quando falou isso, acabei de raspar o resto de suas costeletas, queimei suas roupas e falei que não enfeitava boneca para outros brincarem. Coloquei-a porta a fora”.

Depois desse relato, abordamos Antonio sobre seu pensamento a respeito da dominação masculina. Para responder esta questão, ele citou como exemplo que, fortalecido pela parceria com o demônio para conquistar mulheres, ele podia dar tapas na cara de uma mulher, chutá-la, cortar sua orelha e mandá-la embora. Mas no dia seguinte, ela estava chorando novamente na porta de sua casa. Isto porque, em sua concepção, a mulher foi criada como ser inferior ao homem, à semelhança de Eva que foi tirada da costela de Adão, portanto, lhe devia obediência e respeito. Mas ela não precisava ser respeitada e nem bem tratada.

Ele mesmo tirou conclusões de suas histórias com mulheres e de seu trabalho na marginalidade. Disse Antonio: “algumas vezes eu sofro. Já passei três fases de fome na minha vida. Há dois meses eu pedi até cesta básica. Eu estava na escola de samba via tanta comida, mas nunca cheguei a tirar uma cesta básica de lá. Eu pedia para meu cunhado e para meu primo. Mas a senhora sabe o que é isso? É o preço do meu pecado, daquilo que eu pratiquei. Deus cobra da gente... Agora estou tentando me recuperar”.

A partir dessa fala, Antonio retomou a história de Sara e Abraão e, mais uma vez, se comparou com o rei Abimeleque. Em sua interpretação, Abimeleque pagou o preço de seu pecado, mas confiou na orientação de Deus e na oração do profeta Abraão. Com Antônio era diferente. Ele estava pagando o preço de seu pecado através da fome e da miséria, mas não tinha profeta. Seu profeta era ele mesmo.

Contudo, essa percepção parecia revelar certa arrogância, típica de líderes da marginalidade, construída à base de violência e poder financeiro. Isto foi confirmado pela contradição das falas de Antonio, pois ele revelou que tinha um pai de santo que o orientava constantemente. Não estava tentando mudar de vida à custa somente de sua reflexão pessoal. Sua mudança estava apoiada na orientação de um líder religioso.

No caso do relacionamento com mulheres, quando Antonio se encontrava com o pai de santo e era questionado por ele, alegava que era negro, via pessoas de presença e não queria ficar para trás. Mas o pai de santo o advertiu e o ensinou a pensar diferente.

Segundo Antonio, “ele virou para mim e falou: você tem que ficar contente e alegre da forma que Deus lhe deu. Se você olhar e achar que é feio, preto, negro, se compare com outro que não tem braço e é casado, não tem nariz, é aleijado.” O pai de santo foi claro com Antônio: se ele continuasse usando a divindade demoníaca quando desejava a mulher do próximo, por exemplo, poderia atrapalhar a felicidade dessa pessoa. Agindo dessa forma, não poderia contar com ajuda e proteção do pai de santo.

E para fechar, lembramos que Antonio contou que fez um feitiço para uma de suas mulheres não conseguir ficar com marido vivo (ele estava referindo-se a Rosa, citada anteriormente em uma cena de violência). Perguntamos como esses homens morriam. A resposta foi direta: “morrem todos matados”. Porém, não nos atrevemos a perguntar quem matou os 13 maridos de Rosa...

Considerações finais

Trabalhamos com uma amostra relevante, a de um líder de grupo marginal. Procuramos seguir as orientações metodológicas de um manual da história oral. Mais que

a técnica, a história oral temática tornou-se para nós um compromisso ético desde os primeiros contatos com a pessoa entrevistada até a execução e devolução das fitas gravadas.

Tentamos estabelecer em nosso diálogo com Antônio, respeito e confiança. Esse clima permitiu trabalharmos com o instrumental de história oral temática. O que relatamos foi consequência do estudo acadêmico que provocou a reflexão e estimulou o contato com alguém tão diferente das pessoas de nossa convivência rotineira.

Em meio a essa experiência, um aprendizado interessante foi constatar que o entrevistado mostrou ser portador de um raciocínio lógico diferente, mais baseado na exposição de um pensamento sincrético, ao estilo de uma bricolagem, como jeito de filosofar dos sujeitos da cultura popular brasileira. Nesse sentido, ele repetiu detalhes, começou um assunto e lembrou de outro, começou a descrever fatos sem seqüência cronológica e utilizou uma linguagem narrativa. Aprendemos também que é educativo trabalhar histórias com pessoas da classe popular, pois são entendidas e facilitam a reflexão através da identificação dos ouvintes com os personagens.

Em geral, foi uma boa amostra de experiência da pedagogia da acolhida ao diferente. Pois não vimos o traficante apenas como dominador de mulheres. Assim como não concebemos Abimeleque somente como opressor de Sara e proprietário de harém.

Nossa experiência de encontro com o traficante ocorreu por ocasião de um despejo, como já dissemos na introdução. Na época, esperávamos que o governo municipal resolvesse a situação das famílias, mas, para nossa surpresa e indignação, a alternativa para esta situação não veio do poder público. Foram os grupos marginais que providenciaram um abrigo para o povo em uma escola de samba. Recorrendo à história bíblica, podemos aproximar Sara e Abraão do povo despejado. Estavam em uma situação de limite: Abraão e Sara sem ter onde repousar a cabeça, e os despejados sem lugar até mesmo para fazer a mamadeira das crianças e guardar os móveis. E Antônio está próximo de Abimeleque, pois acolheu e prestou serviço, especialmente para mulheres grávidas.

Por isso, na convivência com esses homens da marginalidade, da malandragem como eles mesmos dizem, aprendemos um outro lado da vida em Heliópolis. Tal como aconteceu com Elohim (Deus) e Abimeleque, nosso encontro não foi de censura ou medo, mas de acolhida ao diferente que cada um é quando se confronta com o outro. O preconceito e o medo cederam lugar para a convivência pacífica e para a solidariedade.

Além disso, a longa conversa com Antônio aguçou nossa curiosidade de pesquisadora. Seria interessante ouvirmos as mulheres submetidas ao harém e às conquistas desse homem. Escutar sua mulher titular e as outras classificadas como troféus e comparar suas experiências. Só que, apesar das várias tentativas para dar continuidade à pesquisa, até o momento não conseguimos abordar essas mulheres, que se negam a conceder qualquer tipo de informação. Diga-se de passagem, que em Heliópolis é comum as mulheres sofrerem repressão masculina e guardarem silêncio. Em outras palavras, na favela há muita mulher que sofre escondido, pois a lei do silêncio prevalece em todos os campos.³

De uma forma geral, consideramos que a quantidade de informações obtidas na entrevista com o traficante foi muito grande. Apesar de não analisar todos os dados, ricos

³ Durante a entrevista com Antônio observamos que sua mulher/esposa não disse uma palavra, embora tenha demonstrado perplexidade ao escutar algumas falas de seu companheiro.

para vários campos de pesquisa, concluímos que focalizamos os aspectos centrais da história antiga relacionados com a história de vida do traficante. Reconhecemos que, a partir da história oral temática, outros temas foram apontados e indicam a necessidade de novas pesquisas: poligamia, adultério, violência contra a mulher, diferenças sociais discriminatórias, cosmovisão patriarcal.

Talvez possamos agrupar toda essa temática em torno do eixo violência de gênero, pois o alvo atingido é sempre a mulher, conforme apreciamos nas entrevistas. É a mulher que está exposta e vira presa fácil para conquistas, é ela que se submete à poligamia e ao adultério do companheiro, é castigada por ele quando tenta reagir, mesmo sendo a titular tem que cuidar dos filhos do marido com outras mulheres. Desde o âmbito da casa a mulher é tratada como criatura inferior, concebida simbolicamente como objeto/troféu para a satisfação sexual do homem.

Este é o modelo de mulher do imaginário masculino de um traficante. Este modelo está sintonizado com a cultura patriarcal. Ele difere da nossa proposta de encontrar no modelo bíblico de Sara uma mulher portadora de autoridade e referencial de ética e de solidariedade. Sendo assim, é preciso romper com esse pensamento autoritário de concepção de mulher. É necessário construir uma nova visão de relação entre homem e mulher, sobretudo nos grupos populares, a fim de potencializar a auto-estima e empoderar os segmentos sociais mais fragilizados, dentro os quais se destacam as mulheres.

Referências bibliográficas

ALONSO SCHÖKEL, Luis. *Dicionário bíblico hebraico-português*. São Paulo: Paulus, 1997.

Bíblia de Jerusalém, nova edição, revista. São Paulo: Sociedade Bíblica Católica Internacional/Edições Paulinas, 1992.

Bíblia Hebraica Stuttgartensia, Karl Elliger e Wilhelm Rudolph (editores). Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1967/77.

CUSTÓDIO, Maria Aparecida Corrêa. “Um estudo da autoridade feminina e da dignidade dos filisteus à luz de Gênesis 20,1-18”. São Bernardo do Campo: Faculdade de Filosofia e Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo, 163p. (*dissertação de mestrado*).

_____. “História oral de matriarca: o outro nome de Sara”. *Revista UNICLAR*, v.5, nº 2. São Paulo: Ave Maria, 2003, p.9- 22.

Dicionário internacional de teologia do Antigo Testamento, 1ª edição. Márcio Loureiro Redondo, Luiz A.T. Sayão, Carlos Osvaldo C. Pinto (tradutores). São Paulo: Vida Nova, 1988.

JENNI, Ernst e WESTERMANN, Claus. *Diccionario teológico manual del Antiguo Testamento*, v.1/2. Madrid: Ediciones Cristiandad, 1985.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Manual de História Oral*. São Paulo: Loyola, 2002.